

25-08-2022

# ANA GRANDE

**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia, Prof. Univ. Est. Goiás, Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

*“As pessoas não morrem, ficam encantadas”*

Guimarães Rosa

Ana nasceu e viveu numa única casa. Seu mundo era seu quintal. Quando saía dele caminhava com sandálias puídas nos trilheiros poeirentos do chão vermelho. De longe via-se seus passos vagarosos enquanto carregava água no pote para jogar no pé da cruz e clamar por chuvas.

Sabia das velhas rezas cantadas por seus antepassados nos tempos severos de seca. Com sua cor indígena, pele salpicada pelo sol, cabelos negros, soltos e esvoaçantes, olhos castanhos, olhar contraído e duro, jeito alegre e tímido, Ana se dispunha ao mundo rural de Coromandel, Minas Gerais. Ana nunca viajou além de sua comunidade. Não conheceu cidades e países. Não aprendeu outras línguas e nem precisou mais do que poucas palavras para viver e comunicar com as pessoas de seu universo real e maravilhoso. As palavras trabalho e suor eram gastas e estampadas em suas mãos calejadas. Nem tudo em seu universo de maravilhamento era compatível com sua alegria. Sua comunidade era rodeada de meeiros, trabalhadores pobres, gente mirrada pelo trabalho inclemente nas fazendas de gado ou nos cafezais.

Ela mesma foi uma das trabalhadoras pobres em terras alheias nas colheitas de café, exploradas por estrategismos de fazendeiros ao modo de coronéis. O seu rosto desfraldava a história agrária desigual do Brasil. Ana não pisou na areia do mar, nem conheceu os grandes rios do Brasil. Porém, em seu quintal existia um rego d'água. Esse rego era seu mar e seu rio. Próxima da água era feliz. Do rego usava a água para limpeza de roupas e da casa; irrigava as plantas da horta e saciava a sede dos animais domésticos. Desse miúdo canal piabinhas saltitavam como peixes graúdos aos olhos dos meninos que visitavam seu quintal.

No mundo do quintal de Ana, as flores vermelhas e amarelas pareciam perenes. Nele também existiam imensas mangueiras, pés de abacate, laranjas da ilha e mexericas ao alcance das mãos da meninada da comunidade. As frutas eram dádivas gratuitas em um continente de solidariedade e vizinhança.

Quando a Ana visitava algum vizinho enchia a sacola de frutas e distribuía o presente na mesma medida de sua generosidade.

Ana viveu para amar, distribuir bondade e repartir simplicidade. Diz-se que perdeu o pai quando ainda era menina.

Ela e os irmãos cresceram órfãos do pai, mas providos do amor da mãe Rita. Com o inabalável passar dos anos, restou apenas Ana, a mãe Rita e o irmão Roberto na casa e no imenso quintal. Ana e Rita, mãe e filha tornaram-se uma só. No mundo do quintal as duas brincavam, sorriam, recebiam sobrinhos, netos e afilhados; cultivavam frutos e cuidavam do terreiro como zelavam da cozinha. Na casa rural o terreiro era a extensão da cozinha e da sala. Nele as crianças brincavam, os foliões de reis cantarolavam, os grãos minguados de arroz e de feijão secavam expostos ao sol ardente do sertão. Em linguagem atual pode-se dizer que o terreiro era um território no qual o sol despejava o seu idioma de luz durante o dia. E à noite a lua e as estrelas chamavam os roceiros para o maravilhamento.

No terreiro o firmamento tornava-se concreto, o universo dançava soberano sobre a trilha de rotação e translação da Terra. Rita envelheceu com os anos, mas parecia uma criança pequenina. Testemunhar seu sorriso era como desatar uma bela manhã de sol ou chuva no interior de Minas Gerais.

Quando a mãe Rita morreu, morreu também uma parte da filha Ana. Ana que nasceu para amar, chorava pela mãe todos os dias. Da janela de sua casa com paredes de adobes, observava a lua cheia derramada no céu enquanto seus olhos lacrimejavam de saudade da mãe. Ana continuava em seu mundo de plantas, bichos, frutos e noites desabrochadas de estrelas na Comunidade de Brejo Grande. No miudinho dos dias aspirava calma sua partida. E assim foi! Propaga-se que Ana ausentou-se tranquila e com a feição alegre, pois aguardava o encontro com a mãe Rita.

*Ana não morreu, ficou encantada.*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.